

Ainda há multilateralismo

Numa altura em que o unilateralismo americano parece querer acabar com as esperanças multilaterais da década de noventa, há sinais de que ele ainda persiste, ou resiste, quando as questões a enfrentar são clara e inequivocamente comuns. Se agora todos os olhos estão postos no Iraque, ainda há pouco tempo, há menos de dez anos na verdade, o foco estava na Europa, no território da ex-Jugoslávia. Aí, se bem que tardiamente, é certo, houve uma convergência de interesses e de valores, que deve ser recuperada.

Numa resposta ao artigo de Kagan, *Power and Weakness*, em que o autor considera que as divergências entre os europeus e os norte-americanos não são um problema de Bush mas sim um problema de poder militar, Pierre Hassner¹ afirma: “Num momento em que muitos autores americanos se divertem a interpretar as críticas europeias como sendo fruto de uma tendência genética para o apaziguamento, não é mau recordar (...) que foi Margaret Thatcher que disse a George Bush pai, em 1990, “não é tempo de hesitações”, que foi Jacques Chirac que insistiu com Bill Clinton, em 1995, para que reagisse militarmente a Srebrenica.

No passado mês de Setembro, foi o próprio antigo presidente Bill Clinton que esteve em Srebrenica, prestando a sua homenagem às vítimas daquela que considerou ser a “pior atrocidade que ocorreu na Europa desde a Segunda Guerra Mundial”, com o massacre de 7000 pessoas que, apenas por serem muçulmanas, foram alvo de uma “loucura genocida”. Para Clinton, foi em Srebrenica que se



despedaçou a ilusão de que com o fim da Guerra Fria chegavam também ao fim as hipóteses de um tal terror.

Em Haia, continua o julgamento de Slobodan Milosevic perante o Tribunal Penal Internacional para a ex-Jugoslávia – um fruto claro do multilateralismo. Com o testemunho de um soldado sérvio que participou no massacre de Srebrenica, tornam-se cada vez mais claras as



responsabilidades do antigo líder sérvio. Regressando a Pierre Hassner “Foi no auge da sua superioridade, após a Segunda Guerra Mundial, que os Estados Unidos criaram a ONU, inspiraram a sua Carta, estiveram na origem do Tribunal de Nuremberga (como, mais recentemente, do TPI para a ex-Jugoslávia e do processo de Milosevic) – ou seja, foram os advogados mais determinados da jurisdição da guerra e da paz”. Só que foram também os Estados Unidos, pela mão do presidente Bush, que “desassinaram” o Estatuto do Tribunal penal Internacional e procuram agora desesperadamente celebrar acordos bilaterais que protejam os seus cidadãos da eventual jurisdição do TPI.

Srebrenica e o julgamento de Haia recordam, quando parece que tal é mesmo necessário, que as relações internacionais não são fruto de idiossincrasias de povos e nações, mas sim de opções políticas. O julgamento de Milosevic salienta a responsabilidade individual em relação à tragédia da ex-Jugoslávia e afasta uma leitura, que também esteve presente, sobretudo no início do conflito, de que se estava perante uma qualquer característica peculiar dos balcânicos que os levava frequentemente à guerra. Mas também ajuda a recordar que europeus e norte-americanos partilham valores fundamentais e que são perfeitamente capazes de actuar em conjunto, em defesa de interesses e valores comuns. ■



¹ “Resposta a Robert Kagan: O Espírito de Washington ou O Fim do Império Benigno”, *O Mundo em Português*, n.º 39, Dezembro de 2002.